

Resenhas

GIBSON, A. SIMPSON, D. (eds.). *Prehistoric Ritual and Religion: essays in Honour of Aubrey Burl*. Stroud: Sutton Publishing, 1998.

Esta coletânea de artigos em honra a Aubrey Burl se propõe a apresentar diferentes formas de abordagem dos círculos de pedra das Ilhas Britânicas e do Noroeste da França. Esses círculos de pedras constituem-se em monumentos megalíticos, que possuíram diferentes usos desde o Neolítico até a Idade do Ferro e permanecem, até hoje, construções que intrigam e fascinam milhares de pessoas, pesquisadores ou não, sendo, freqüentemente, relacionados à religião celta, isto é, à prática do druidismo.

Inspirados pelo trabalho pioneiro de Aubrey Burl, sobretudo por seu primeiro livro *The Stone Circles of the British Isles*, que permaneceu por vinte e dois anos como a principal referência para o estudo desses monumentos pré-históricos, os autores procuram analisar os aspectos ritual, mágico e arquitetônico de tais construções, destacando seus diversos usos e interpretações. Eles não visam apenas abordar o caráter monumental ou religioso dessas construções, mas seus significados sociais e caráter humano, pois analisá-las é falar daqueles que as erigiram e dos que nelas praticavam sua religião, o que constitui, como enfatiza Andrew Sherratt (1998: 119) em seu artigo, uma das principais contribuições de Aubrey Burl.

Ao erigir esses monumentos, os construtores precisavam conhecer e compreender a paisagem, os movimentos do sol e da lua, o ciclo das estações e sua relação com as práticas religiosas; da mesma forma, que estas não se encontravam dissociadas da vida cotidiana nessas sociedades. Condição com isto, este livro encontra-se dividido em três eixos principais de estudo dos círculos de pedra. O primeiro centra-se no monumento — aspectos arquitetônicos, sua construção e “funções”, atentando, especialmente, para a possível associação desses monumentos com tumbas megalíticas, a relação entre desenho, disposição das pedras e prática ritual, o uso destes monumentos como mecanismos de controle social, a escolha do local e sua relevância para a construção dos monumentos. O segundo eixo orienta para a análise do papel dos artefatos depositados intencionalmente nesses sítios em rituais pré-históricos, apontando para seus significados e usos no cotidiano e nas relações sociais, a produção desses artefatos e seu significado como símbolos religiosos. O terceiro analisa as interpretações da tradição antiquária acerca desses monumentos e aponta para

novas abordagens teóricas destes, relacionando-os aos rituais, à prática mágica, à criação de calendários celtas, à astronomia e à prática ritual, ao controle do tempo e da população, ao saber e ao poder dos sacerdotes.

Os autores procuraram também apresentar uma atualização dos dados e achados já disponíveis acerca dos monumentos megalíticos. Ao mesmo tempo, por ser uma homenagem a Aubrey Burl, os editores optaram por inserir a bibliografia completa de Burl, o que contribui para auxiliar aqueles que desejem iniciar o estudo da religião e do ritual de sociedades pré-históricas.

Desta forma, nesta obra, descortinam-se novas perspectivas de pesquisa e abordagem teórica, que permitem encaminhar o estudo dos círculos de pedra e das religiões pré-históricas para algumas das questões que vêm sendo debatidas atualmente, tais como: tempo, festas, poder e saber, ampliando a dimensão humana desses monumentos, assinalada de forma pioneira por Burl.

Adriene Baron Tacla

HODIKINSON, S., POWELL, A. (ed.). *Sparta. New Perspectives*. London: Duckworth and Classical Press of the Wales, 1999.

Nos últimos anos, vários trabalhos sobre a história de Esparta têm sido publicados, revelando um interesse até então pouco comum na historiografia grega: o de debruçar-se sobre outras sociedades para além da ateniense. Este interesse tem pelo menos um objetivo claro: entender as múltiplas facetas da cultura helênica através da compreensão de uma das mais interessantes sociedades do mundo antigo.

A obra aqui resenhada enquadra-se dentro da tradicional tendência da historiografia clássica em tentar desvelar a história factual das *pólis* gregas. Pode-se afirmar porém, que esse fenômeno não ocorre só em função das preferências dos historiadores. A conhecida ausência de textos escritos produzidos pelos espartanos tem contribuído para isso na medida em que o historiador é um profissional que se dedica em geral ao estudo

de textos escritos. Isso tem levado os historiadores da antigüidade grega a utilizarem diferentes metodologias para entender a sua história, procurando considerar os achados arqueológicos, as imagens e as inscrições no intuito de suplantam a referida lacuna.

Dessa forma, os diversos especialistas que escreveram a obra tentaram desenvolver algumas metodologias bastante heterodoxas no sentido de recapturar a cronologia dos reis, os principais eventos políticos e alguns aspectos da vida social dos espartanos. Os estudos estatísticos baseados na cultura material e nos vencedores olímpicos (Hodkinson e Shaw), por exemplo, produzem bons resultados empíricos. Já os artigos baseados nos textos de fora de Esparta (Cartledge, Humble e Millender), a chamada "História do Outro", produz interessantes reflexões acerca das questões de identidade e alteridade.

Pode-se dizer que a obra de Hodkinson e Powell é de referência, pois ajuda a preencher um pouco mais o espaço ainda vago na produção historiográfica no que tange ao estudo de outras *póleis*.

José Francisco de Moura

CARDOSO, C. F. *Deuses, múmias e ziggurats; uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: EdiPucrs, 1999.

A coleção "História", sob os auspícios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, lança, em um total de vinte e sete títulos, o seu quarto título consagrado às Ciências da Antigüidade, todos atinentes ao Oriente Próximo, constituindo uma significativa contribuição para a divulgação de tais estudos no Brasil. A obra em questão é da lavra do Prof. Ciro Flamarion Cardoso, cuja onipresença e competência, expressa em sua vasta produção acadêmica, fizeram dele o mestre de todos nós que, pelo menos desde os anos '80, tem se dedicado ao estudo da História Antiga.

O texto, marcado por traços comuns a outras obras de sua autoria, trai o criador. A saudável derivação do trabalho de sala de aula (no caso a

Graduação em História pela Universidade Federal Fluminense), associada a uma profunda e atualizada pesquisa no campo em estudo, é a primeira a relevar. A própria disposição das referências bibliográficas, ao final do livro, em quatro seções, é indicadora dessa natureza: a) obras usadas com intenção teórico-metodológica; b) obras em português e espanhol; c) fontes primárias; d) obras escolhidas.

Não se pode deixar de mencionar, também, a sua extraordinária capacidade de síntese, especialmente manifestada no panorama sobre os estudos da Religião e da História Comparada das Religiões (capítulo I), com destaque aos enfoques inovadores capazes de proporcionar uma compreensão mais eficaz do objeto em estudo. Neste aspecto, mesmo diante de possíveis discordâncias, é sempre um raro prazer ser apresentado a trabalhos e idéias, muitas vezes, minimamente divulgados em nosso país. Aqui são aventados o comparatismo historicizante das religiões em escala mundial defendido por Trevor Ling (*"a comparação não pode tratar as tradições religiosas como blocos monolíticos"*, p. 13) e as considerações sobre religião popular e formal de Karen Louise Jolly, definidos como opções teóricas do autor.

A partir de tais marcos, frisa-se a religião como um fenômeno civilizacional, não desvinculado dos demais níveis do processo histórico, todos vistos como importantes na explicação das sociedades. É então que, sem perder de vista tais imbricações, são selecionados os temas a partir dos quais aborda-se a religião no Egito e, depois, na Mesopotâmia, estabelecendo as comparações pertinentes. Ao incorporar algumas páginas a mais nas análises do Egito é a paixão do estudioso que fala mais alto, mas sem perda do rigor, até mesmo pelo fato de serem as noções egípcias o termo de comparação das mesopotâmicas. Os capítulos, pois, se sucedem: princípios básicos (II), deuses, templo e culto (III), morte, mortos e religião funerária (IV). Em todos eles, o texto é completado com a presença de mapas, plantas, gravuras e transcrições de documentos, compondo um rico exemplário das noções analisadas no decorrer do livro.

O painel comparativo (perspectiva que deveria ser mais praticada pelos historiadores) é interessantíssimo. E não apenas aos voltados para o estudo das Antigüidades (alguns dos quais devem se emocionar com a ressonância provocada pelo arranjo do título principal, lembrando o de C. W. Ceram, *Deuses, sábios e túmulos*), mas pela temática contemplada, aos que vêm no humanismo uma trincheira de defesa face a globalização homologante. Afinal, através da compreensão das mais variadas e radicais perspectivas religiosas, tem-se a afirmação da alteridade. Uma nota

lamentável é a precária distribuição da maioria de nossas editoras universitárias, a dificultar o acesso ao livro em questão. Fazemos votos por essa correção.

Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras

FAVERSANI, F. *A pobreza no "Satyricon" de Petrónio*. Ouro Preto: UFOP, 1998.

Pertenço a uma geração que, no segundo grau, não foi iniciada nem na língua, nem na literatura latina. Assim, conheci *Satyricon*, de Petrónio, pelo filme de Frederico Fellini. Mais tarde, descobri o *Satyricon* em prosa e verso. Naquela ocasião, fascinei-me mais pelos aspectos grotescos, sádicos e fantasiosos do romance do que pelos nexos possíveis entre o texto e o contexto de sua criação: o Império Romano

Voltar a ler *Satyricon*, a partir dos questionamentos de Fábio Faversani, foi uma experiência muito rica. Faversani explica que seu objeto é a compreensão sobre os livres pobres de Roma e suas relações diretas com os de poder, à época do Principado. Ele resume sua hipótese de pesquisa em uma questão: as posições sociais são determináveis pela posição dos agentes nas relações de poder? O autor dividiu a exposição textual da pesquisa, sob a forma de livro, em uma introdução, uma conclusão e três capítulos, intitulados como segue: o *Satyricon*; Relações de Poder e Análise da Pobreza e Relações de Poder no *Satyricon*.

A história de Petrónio é vivenciada por três jovens — Encólpio, Ascilto e Gitão — e um velho poeta — Eumolpos — que peregrinam por cidades pequenas da Itália Meridional. A primeira parte acontece em Puteoli ou outra localidade próxima a Nápoles. A segunda parte se passa na casa de um liberto milionário: a *cena Trimalchionis*. A terceira acontece próximo ao mar, talvez no Golfo de Nápoles. A quarta se desenrola no caminho de Crotona e a quinta e última parte acontece nessa cidadezinha.

Faversani esclarece que Petrónio tomou a realidade como fonte de motivos, mas a apresentou recriada de forma cômica através dos personá-

gens, que concentram características comuns a grupos de indivíduos. A ironia da narrativa petroniana é alcançada através de dois mecanismos: a *reductio ad absurdum*, isto é, o exagero de componentes da realidade em níveis máximos, e a penetração psicológica, através da qual cada personagem descreve a si mesmo. Tais qualificações, segundo Favarsani, impedem um consenso sobre o gênero literário petroniano, o qual para alguns é uma sátira menipéia em função da composição do texto em prosa e verso e do seu caráter satírico. Para outros, o *Satyricon* seria uma coleção de mimos, próxima, assim, da tradição teatral clássica, ou uma paródia aos épicos, como a *Odisséia*, e, ainda, *Satyricon* recebe qualificação mais sólida, na opinião de Favarsani: quando é apontado como um romance composto, forma literária original à época, pelo que se sabe.

No segundo capítulo, Favarsani trata dos aspectos teórico-metodológicos das relações diretas de poder. No terceiro, formado por densas sessenta páginas, Favarsani discrimina os protagonistas do *Satyricon*, e analisa o livro à luz de quatro episódios: o Episódio de *Quartilla*; Viagem a Crotona; Farsa de Crotona; *Cena Trimalchionis*. Na leitura de Favarsani, as estratégias básicas de sobrevivência dos protagonistas se constituíam basicamente na aproximação com os poderosos e no exercício da farsa.

Favarsani explica que o uso repetido do mecanismo literário da revelação, por Petrônio, através do qual ele informa aos poucos o grau de envolvimento que os principais personagens têm uns com os outros, imprime um ritmo angustiante às relações entre ricos e pobres que beira a histeria, nesse episódio

Fábio Favarsani conclui a análise da pobreza em *Satyricon* com satisfação. Ele afirma que essa leitura o auxiliou a compreender os romanos do Principado. Afirma que sua hipótese inicial confirmou-se: a posição social de cada um dos personagens de Petrônio mostrou-se determinável pela inserção em determinada rede de relações de poder, que não são, apanágio das elites. Isso significa, finalmente, que se um agente é pobre em função de sua inserção em determinada rede de relações de poder, a qual em princípio é dinâmica, pode deixar de o ser. Com essa mensagem esperançosa, Favarsani reafirma a intenção de, em sua prática acadêmica, construir uma visão do passado a serviço da transformação da injusta sociedade brasileira. Pela tenacidade metodológica e erudito conteúdo, a leitura do livro é altamente recomendável.

Margaret Marchiori Bakos